

## **A cultura da participação e a criação de uma sociedade do patulhamento<sup>1</sup>**

Matheus Freitas GONÇALVES<sup>2</sup>

Cristiano José RODRIGUES

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora MG

### **Resumo**

Uma das grandes dádivas da internet foi ter dado voz à todos seus usuários, algo que os meios de comunicação anteriores, como a televisão e o telefone, falharam em oferecer. Entretanto, essa possibilidade de participar dada aos usuários somada à liberdade para comentar sobre tudo (e todos) que quiserem em suas redes sociais fez nascer uma sociedade do patulhamento que leva a humilhação pública para a web e transforma usuários em carrascos do século XXI.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação, Internet, Redes Sociais, Humilhação, Participação

### **1 Introdução**

“Nos primórdios do Twitter, não havia humilhações. Éramos Eva no Jardim do Éden. Conversávamos sem timidez” (RONSON, 2015 p. 98). Relações, antes inimagináveis devido à distância, começaram a se formar com a popularização da internet e se consolidaram com o advento das redes sociais online. As pessoas começaram a ter acesso a personalidades e organizações multinacionais; e dessa recém-liberdade nasceu a necessidade de ter sua voz ouvida.

Não estamos mais nos primórdios. As redes sociais se tornaram algo essencial para a geração que cresceu com a internet, e a ideia de novidade foi embora junto com a visão de que a rede, o ciberespaço, é desvinculado do mundo real; “as ferramentas de mídia social não são mais uma alternativa para a vida real, se tornaram parte dela” (SHIRKY, 2010, p. 37).

Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional – uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever público (...) (BAUMAN, 2008, pg. 9)

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IJ 5 – Comunicação Midiática do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

<sup>2</sup>Estudante de Graduação 9º semestre do Curso de Jornalismo da UFJF, email: [matheusfreitas1500@gmail.com](mailto:matheusfreitas1500@gmail.com)

---

A auto exposição online se tornou uma prática comum para os usuários das redes sociais, mas ainda não é algo bem visto pelas gerações mais velhas; e com razão, o problema de se ter um meio para “compartilhar” sua opinião é que sempre vai ter alguém para ouvir.

## **2 A possibilidade de participar**

Durante muito tempo a televisão foi nossa principal ocupação no tempo livre. Shirky (2010) nomeia a TV como um emprego de meio expediente para todos os cidadãos do mundo desenvolvido e que o problema disso estava na dosagem: não se assistia apenas TV boa ou ruim, assistia-se de tudo. Por causa disso, a ideia de que ver TV não faz bem rodou o mundo, contudo “o dramático aumento do hábito de ver TV não era o problema, era a reação ao problema” (SHIRKY, 2010, p. 12).

Shirky (2010) discorre sobre o ser humano ser um ser social e apresenta estudos sobre como ver TV substituiu todo nosso tempo livre, inclusive o que era usado para estar com amigos, por que é uma atividade que as pessoas fazem quando se sentem solitárias.

Com a popularização da internet e dos smartphones está se observando pela primeira vez uma geração que está assistindo menos TV. Mesmo que usem seus aparelhos para assistir vídeos que poderiam ver na TV, pela primeira vez esses jovens podem “responder” ao que recebem: podem comentar, compartilhar e discutir com outras pessoas o conteúdo apresentado, e não apenas absorve-lo.

A mídia do século XX voltava-se para um único enfoque: Consumo. A pergunta estimulante da mídia nessa época era: Se produzirmos mais, vocês consumirão mais? A resposta para essa pergunta foi em geral positiva, já que o indivíduo médio consumia mais TV a cada ano. Mas a mídia é na verdade como um trialão, com três enfoques diferentes: as pessoas gostam de consumir, mas também gostam de produzir e compartilhar. (SHIRKY, 2010, p. 25)

### **2.1 Como**

Erika Mitchel é uma inglesa formada em história que sempre quis ser uma escritora. Esse amor pela literatura – e pela saga de livros Crepúsculo – levou a britânica, a começar a escrever fanfics, narrativas de ficção escrita por fãs que se apropriam de personagens e enredo de outros produtos midiáticos. Ela utilizou os personagens principais da saga de vampiros escrita por Stephanie Meyer para escrever para um público mais adulto com um certo interesse por sadomasoquismo, escravidão sexual e submissão, e publicou online. O sucesso de suas histórias, chamadas de “Masters of the Universe”, foi tão grande que levou

a autora a tira-las dos sites onde tinha publicado e compila-las em um site pessoal. Foi nesse momento que Erika mudou o nome das personagens de Edward e Bella para Christian Grey e Anastasia, se tornando o sucesso de público 50 Tons de Cinza que conhecemos hoje.

Em 2011 Erika Mitchel se tornou E.L. James e publicou a primeira parte de sua famosa trilogia como e-book e impressão sobre demanda por uma editora virtual australiana. Rapidamente a popularidade do livro aumentou quase que exclusivamente a anúncios on-line e divulgação boca a boca, então uma editora inglesa relançou o livro, que se tornou o livro mais vendido de todos os tempos no Reino Unido e transformou sua autora em uma das 100 pessoas mais influentes de 2012, segundo a revista Time.

Shirky (2011) afirma que a liberdade que a internet trouxe às pessoas é conflitante com a qualidade do que se é oferecido, contudo, isso não é uma novidade trazida pela revolução digital, quando Gutemberg aperfeiçoou a prensa móvel no século XV e tornou o processo de fabricação de livros muito mais rápida “os livros começaram a aparecer nos idiomas locais, cujo texto datava de meses, em vez de séculos, livros que eram, ao mesmo tempo, variados, contemporâneos e comuns” (SHIRKY, 2011, p. 43). Logo, ao mesmo tempo que as novidades tecnológicas abaixaram a qualidade geral do que era publicado, também tornaram possível a disseminação de obras como as de Martin Lutero ou Aristóteles e a publicação de algo que o público demandava, como foi o caso de Erika Mitchel.

As invenções tecnológicas para aumentar nosso poder social deixaram de ser de mão única pública, como a TV, se tornaram de mão dupla privada, como o telefone; e agora evoluíram para uma mídia de mão dupla que parte do privado para o público.

Em vez de termos uma única empresa como dona e operadora de todo o sistema, a internet é apenas um conjunto de acordos sobre como mover dados entre dois pontos. Qualquer um que se atenha a esses acordos, desde uma pessoa operando um telefone celular até uma grande empresa, pode ser um membro totalmente habilitado da web. A infraestrutura não pertence aos produtores de conteúdo: ela é acessível para qualquer um que pague para usar a rede, independente de como a utilize. (SHIRKY, 2011 p. 54)

Da mesma forma que a abundância de possibilidades de publicação desvalorizou a prática, a liberdade que internet trouxe desvalorizou a oportunidade de opinar sobre tudo que cerca os usuários da rede.

## 2.2 Por que

---

Até alguns anos atrás, numa época onde as pessoas ainda alugavam dvds e acompanhavam séries americanas através de canais à cabo, a espera até um filme ou episódio chegar por aqui legendado podia chegar a meses. Hoje em dia, essa espera pode ser apenas de algumas horas.

Logo após um episódio ser exibido pela TV americana ou quando um longametragem “vaza” na internet, ele já fica disponível para ser baixado via “torrent”, uma maneira de transferência de arquivos onde o produto é dividido em diversas partes para que o download seja mais rápido e todo mundo que tem o arquivo em seu computador se torna automaticamente um distribuidor do mesmo para outros usuários; isso reduz o consumo de banda do distribuidor original, não sendo necessário que o arquivo fique armazenado em um servidor.

Quem não tem o inglês na ponta da língua, não precisa se preocupar. Há pessoas que fazem as legendas para nós de graça! E Fazem isso por puro prazer.

O estudante de comunicação Guga, como é conhecido pelos “legenders”, fez parte de um dos mais famosos grupos de legenda amadora, o InSubs. Em uma entrevista para o portal O Globo.com ele conta que o grupo não ganha nada além de reconhecimento pelo trabalho feito.

Ganhamos "finalmente!", "demorou, hein!", "quase morri de tanto esperar". Brincadeira! Ainda bem que hoje em dia [2010] com o esquema que a InSUBs tem feito de tentar lançar todas as séries com menos de 48h, esses comentários diminuíram, mas são bem comuns. Só recebemos mesmo comentários, alguns bem egoístas como os que exemplifiquei, mas muitos carinhosos. De dinheiro mesmo não recebemos nada, inclusive temos prejuízo, pois temos que pagar servidor do nosso próprio bolso. (CALAZANS, 2010)

Shirky (2011) apresenta um experimento que prova que a motivação humana não é puramente cumulativa, pois fazer algo por interesse ou por uma recompensa externa são dois tipos de atividades muito diferentes. O autor oferece outra teoria psicológica para reforçar sua ideia, que diz que existem dois tipos de motivação, a motivação intrínseca e a motivação extrínseca. “Motivações intrínsecas são aquelas nas quais a própria atividade é a recompensa [...] Motivações extrínsecas são aquelas nas quais as recompensas por fazer algo é externa à atividade, e não a atividade em si” (SHIRKY, 2011, p. 68).

Bankler e Nissenbaum, professores universitários norte-americanos, escreveram um ensaio sobre como as motivações sociais, o reconhecimento, podem influenciar na maneira de fazer um trabalho. Eles concluíram que essas motivações sociais reforçam as motivações pessoais.

---

O retorno verbal recebido por benfeitores, como no caso dos “legenders”, pode parecer um “recompensa extrínseca, como o dinheiro. Quando, porém, é genuíno, e parte de alguém respeitado pelo beneficiário, torna-se uma recompensa intrínseca, por se basear num sentimento de conexão, e não de uma formalidade”.

Nós podemos entender que tanto a motivação social quanto a pessoal só se tornam possível graças a maneira como a internet aproximou pessoas em comum. O exemplo das fanfics mencionado no último tópico mostra isso claramente, pois a internet aproximou escritores amadores que queriam divulgar seu trabalho com leitores à procura de novas histórias sobre suas personagens preferidas. Nesse novo campo, a atenção é a moeda de troca.

### **2.3. Oportunidades**

Sempre que uma nova tecnologia ou uma nova maneira de se comunicar surge, existe a dúvida de se as pessoas, inclusive as mais velhas, vão se adaptar a elas. O que está sendo oferecido, entretanto, nunca é algo inútil ou supérfluo; mas sim uma nova oportunidade de se manter em contato com amigos, familiares e a vida social. “O mistério não é por que os idosos começaram a trocar e-mails; o mistério é como pudemos nos ter convencido de que o uso do e-mail era, principalmente, uma novidade tecnológica, e não de continuidade social” (SHIRKY, 2011, p. 93)

Em 1992 o Brasil teve um dos seus maiores movimentos estudantis: os CarasPintadas. Exigindo o impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo, as ruas foram tomadas por milhares de pessoas em diversas manifestações nos meses de agosto e setembro, que resultaram na renúncia do presidente ao cargo.

Quase vinte anos depois, países do mundo árabe se viram numa situação parecida. Uma onda de protestos, conhecida como Primavera Árabe, eclodiu em 2011 provocada pela crise econômica e pela falta de democracia nesses países. A diferença dessas manifestações para as que ocorreram no Brasil na década de 90; foi o uso das mídias sociais, como o Twitter, o Facebook e o YouTube, para organizar, comunicar e sensibilizar o mundo todo em relação as tentativas de repressão e censura na internet por parte dos Estados.

Graças a essas redes sociais essas manifestações puderam ocorrer, e muito mais que isso, puderam ser vistas pelo mundo todo. A Primavera Árabe mostrou que a internet e suas redes sociais fizeram muito mais que dar voz para as pessoas comentando sobre o assunto

que quiserem, elas também deram a oportunidade para que indivíduos se unissem e fizessem um impacto de verdade no mundo moderno.

No Brasil, o movimento dos caras-pintadas conseguiu seu objetivo sem o uso das redes sociais da internet, já que elas nem existiam ainda. Quase duas décadas mais tarde, e em países com uma censura muito mais forte que a nossa na década de 90, algumas redes sociais tornaram possível a queda de governos ditatoriais, alguns que estavam há mais de 30 anos no poder, provando que a utilização dessas redes é de fato uma “continuidade social”.

Contudo, essa abertura para contatos cada vez maiores e mais intensos, também dá lugar a uma super-exposição pessoal. Ao mesmo tempo em que podem ser uma ferramenta para grandes revoluções sociais, esses canais também são a porta para a vida íntima de cada um dos usuários, o que pode ser um choque para as gerações que não nasceram vendo essa auto divulgação como uma coisa normal, e a mesma diferença vista nas manifestações brasileiras e árabes pode ser vista aqui: oportunidade. “Essa comparação ignora convenientemente o fato de que não nos comportávamos assim porque ninguém nos deu a oportunidade” (SHIRKY, 2011, p. 113)

### **3 A sociedade do patrulhamento**

#### **3.1 O início**

A norte americana Monica Lewinsky se auto intitulou a Paciente Zero do online shaming, o linchamento virtual, em um Ted Talk, conferencias realizadas no mundo todo com o propósito de disseminar ideias, realizada em maio de 2015.

Vinte anos antes, em 1995, Monica começou a estagiar na Casa Branca, aos 22 anos de idade, ao lado do então presidente Bill Clinton. Algum tempo depois Monica foi transferida para o Pentágono, onde se tornou amiga da funcionária pública Linda Tripp. Linda gravou mais de 20 horas de conversas em que Monica confessava detalhes sobre seu caso com o Presidente dos Estados Unidos. Em 1998 todas essas conversas se tornaram públicas; quando Linda as entregou a polícia federal norte-americana.

Lewinsky foi chamada para autenticar todas as 20 horas de gravações clandestinas. Alguns dias depois o relatório Starr, do procurador independente Kenneth Starr, que investigou Clinton e principalmente sua relação com a estagiária na época, foi divulgado no

congresso com a transcrição das 20 horas de conversas entre Monica e Linda. Algumas semanas depois parte das gravações foi veiculada na televisão e a maioria delas ficaram disponíveis online.

Isso aconteceu ao mesmo tempo em que a revolução digital atingiu seu ápice, e pela primeira vez um veículo tradicional foi usurpado pela internet com uma notícia tão importante, como conta a vítima na conferência realizada em maio, uma das primeiras vezes em que ela volta a falar do assunto em quase dez anos.

O significado disso para mim, pessoalmente, foi que, da noite para o dia, passei de uma figura completamente privada a uma publicamente humilhada, no mundo todo. Fui a "paciente zero" em perder sua reputação pessoal numa escala global, quase instantaneamente. (LEWINSKY, 2015)

Mais uma de uma década depois de Lewinsky ser a “paciente zero” da humilhação pública na internet, as redes sociais surgiram e, casos como o dela se tornaram mais frequentes do que se podia imaginar, e as consequências se tornaram, literalmente, questões de vida ou morte. Por exemplo, em 2010, doze anos depois do caso de Monica e com a internet popularizada e as redes sociais se iniciando, o colega de quarto do norte-americano Tyler Clement o filmou tendo relações íntimas com outro homem e disponibilizou online no seu twitter, no dia seguinte Clement pulou da ponte George Washington e morreu afogado.

### **3.2 Online Shaming e a liberdade de expressão**

Online Shaming é como ficou conhecida a prática de perseguir e humilhar pessoas que cometem erros, como publicar um piada que pode soar racista, ou por questões pessoais, como seu tipo de corpo. Na segunda categoria, é fácil identificar quem está errado: nos casos de revange porn, prática de divulgar fotos ou vídeos sexuais de alguém sem a permissão dessa pessoa, ou fat shaming, a humilhação de pessoas fora do peso, por exemplo, os compartilhadores normalmente são quem levam a fama de vilões. Mas no caso de um ataque a pessoas que cometeram um erro ou sofreram com a má interpretação de um de seus posts, o título de vilão pode se encaixar tanto na vítima quanto nos atacadores, dependendo do ponto de vista.

Isso acontece porque, de alguma forma, quando a violência é contra alguém que comete um erro, ela é naturalizada, quase julgada como justa. Essa violência que parte de um grupo em direção a uma pessoa só exerce um papel importante na reprodução de

estereótipos sociais. Além disso, atitudes de linchamento virtual vão muito além da liberdade de expressão que nos é garantido.

A liberdade de expressão é um direito fundamental, mas não é absoluto, e não pode ser usado para justificar a violência, a difamação, a calúnia, a subversão ou a obscenidade. As democracias consolidadas geralmente requerem um alto grau de ameaça para justificar a proibição da liberdade de expressão que possa incitar à violência, a caluniar a reputação de outros, a derrubar um governo constitucional ou a promover um comportamento licencioso. A maioria das democracias também proíbe a expressão que incita ao ódio racial ou étnico. (EMBAIXADA AMERICANA)

Por isso que separar a vítima e o vilão em casos de linchamento virtual é tão difícil, já que as ataques feitos em relação a pessoa que cometeu o erro são puramente discursos de ódio.

Por exemplo, em um dos casos mais famosos de linchamento virtual, a norte-americana Justine Sacco tuitou “Indo para África. Espero não pegar AIDS. Brincadeira. Sou branca” antes de pegar sua última conexão para uma viagem para à África. Ao tempo em que Sacco pousou seu nome já era o assunto mais comentado na rede social, e o mundo todo estava querendo fazer justiça com as próprias mãos.

Além de mostrarem seus desejos que Justine pegasse AIDS, fosse estuprada ou morresse de câncer, os internautas começaram uma campanha para que Justine fosse demitida (que deu certo algumas semanas depois) e acompanharam cada segundo do voo de Justine, por um rastreador de voos online e pela hashtag #HasJustineLandedYet (#JustineJáPousou), para assistir sua humilhação ao vivo assim que pousasse na África e ligasse seu celular.

Justine, que trabalhava como relações públicas em Nova Iorque, tinha pouco mais de 170 seguidores no Twitter, um deles enviou o Twitte dela para o jornalista Sam Biddle, que compartilhou a mensagem de Justine para seus 15 mil seguidores começando o linchamento.

A destruição dela era justificada, dizia Sam Biddle, por que Justine era racista e porque atacá-la significava comprar uma briga com um cachorro grande. Estavam enfrentando um membro da elite da mídia, dando continuidade à tradição de direitos civis que teve início com Rosa Parks, os até então oprimidos arrasando uma poderosa racista. (RONSON, 2015, p. 87)

### 3.3 A Formação da Sociedade do Patrulhamento



O termo Sociedade do Patrulhamento foi dito pela primeira vez pelo jornalista Jon Ronson em sua segunda conferência TED em junho de 2015. “O melhor das mídias sociais foi ter dado voz a pessoas sem voz, mas agora estamos criando a sociedade do patrulhamento, em que o melhor jeito de sobreviver é voltar a não ter voz” (RONSON, 2015).

O que Ronson está chamando de sociedade do patrulhamento são os próprios usuários de redes sociais online, que de uma hora pra outra um deles se torna o executado e todos os outros continuam executando o papel de carrasco. A internet “é basicamente uma máquina de aprovação mútua. Cercamo-nos de pessoas que se sentem como a gente, validamos uns aos outros, e é uma sensação realmente boa. E, se alguém cruzar nosso caminho, nós o eliminamos” (RONSON, 2015).

Essa janela aberta pelo erro de um usuário, é apenas mais uma oportunidade de afirmarmos nossa posição, usarmos o direito que temos à uma voz. O meio comunicacional pode transformar o direito à liberdade de expressão em uma conduta criminosa e ser um lugar fomentador de discurso de ódio.

Além disso também é preciso ter em mente que as redes sociais transformaram as relações sociais nos dias de hoje, e isso repercute claramente nos relacionamentos desumanizados da web.

Mas o papel mais importante da Internet na estruturação de relações sociais é sua contribuição para o novo padrão de sociabilidade baseado no individualismo.[...] Cada vez mais as pessoas estão organizadas não simplesmente em redes sociais, mas em redes sociais mediadas por um computador. Assim, não é a internet que cria um padrão de individualismo em rede, mas seu desenvolvimento que fornece um suporte material apropriado para a difusão do individualismo em rede como a forma dominante de sociabilidade, (CASTELLS, 2001, p. 109)

A nossa sociedade individualista pode ser a causa formadora de discurso de ódio, porém a internet criou o espaço perfeito para a sua disseminação, colocando poderosas armas na recém formada sociedade do patrulhamento.

## 5 Conclusão

A internet empoeirou seus usuários. Se por um lado a novidade dos usuários em poder ser tanto consumidores como produtores (atividade que nenhum meio de comunicação proporcionou até então) garantiu um aumento nos canais de comunicação e uma maior democratização da informação, simultaneamente abriu espaço para que

---

discursos de ódios disfarçados de liberdade de opinião tomassem contas das redes sociais da internet incitando a violência e a perpetuação de estereótipos de gênero, classe opção sexual e raça, por exemplo

Houve avanço tão rápido na popularização da internet que se tornou praticamente impossível o controle das mídias e o ensino para o uso consciente delas. Apesar de casos de linchamento virtual que ganham proporções globais sejam amplamente discutidos, ainda é muito difícil identificar e punir os fomentadores desse processo que pode destruir a vida de alguém para sempre, pois uma vez online se torna impossível apagar. Parece que voltamos para a idade das pedras com tecnologias de última geração, mas que ainda não permitem o deletar, o arrependimento.

A solução abordada por Jon Ronson em sua palestra em uma conferência TED no ano passado, vai fundo na solução do problema: a única solução para a sobrevivência nessa sociedade do patrulhamento é voltar a não ter voz. Porém, parece utópico que nossa sociedade regrida, as pessoas gostaram de ter suas vozes ouvidas, mas para que isso aconteça sem que as pessoas se tornem carrascos da web é preciso uma educação midiática urgente, que além de ensinar a usar essa grande ferramenta, ensine também ao usuário a se comunicar por ela. Se comunicar melhor por ela, do que já se faz ao vivo.

## REFERÊNCIAS

EMBAIXADA AMERICANA. **Princípios da democracia: Liberdade de Expressão.**

Disponível em: <http://www.embaixadaamericana.org.br/democracia/speech.htm>>.

Acessado em 08/05/2016

BAUMAN, Z. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CALAZANS, Ricardo. **Um fã conta como é a rotina de uma vida de “legenders”.** O

**Globo Rio de Janeiro: Ricardo Calazans, 10/05/2010.** Disponível em

<<http://oglobo.globo.com/cultura/um-fa-conta-como-a-rotina-de-uma-equipe-de-legenders-3011115>> Acesso em: 04/05/2016

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001

LEWINSKY, Monica. (Março de 2015) **The Price of Shame** [ficheiro de video].

Disponível em

<[https://www.ted.com/talks/jon\\_ronson\\_what\\_happens\\_when\\_online\\_shaming\\_spirals\\_out\\_of\\_control](https://www.ted.com/talks/jon_ronson_what_happens_when_online_shaming_spirals_out_of_control)>. Acesso em 19 mar. 2016.

RONSON, Jon. **Humilhado: Como a era da internet mudou o julgamento público.** Rio de Janeiro: BestSeller, 2015

RONSON, Jon. (Junho de 2015). **When online shaming goes out of control.** [ficheiro de video].Disponível em

<[https://www.ted.com/talks/jon\\_ronson\\_what\\_happens\\_when\\_online\\_shaming\\_spirals\\_out\\_of\\_control](https://www.ted.com/talks/jon_ronson_what_happens_when_online_shaming_spirals_out_of_control)>. Acesso em 15 mar. 2016.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação.** Rio de janeiro: Zahar, 2011.